



Afetividade no Rádio: criando laços no ar.¹

Flávia Brandão de OLIVEIRA²

Joaquim SOBREIRA FILHO³

Renan Rosendo RODRIGUES⁴

Henrique Sérgio Beltrão de CASTRO⁵

Universidade Federal do Ceará e Rádio Universitária FM, Fortaleza, Ceará

Resumo

Neste artigo enfocamos a configuração e a produção de dois programas radiofônicos veiculados na Rádio Universitária FM 107,9, vinculada à Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura e à Universidade Federal do Ceará. Tais emissões envolvem uma abordagem diferente da proposta radiofônica convencional das emissoras FM, pautando-se na afetividade e na poesia para a construção de novos laços entre o locutor-apresentador e os ouvintes. Discutindo como a linguagem do Rádio pode envolver afetividade e ir além do eixo objetivo do fazer comunicativo, abordaremos os programas Sem Fronteiras: Plural pela Paz: Plural pela Paz e o Todos os Sentidos, que buscam diversificar e ampliar a atuação radiofônica em vários âmbitos.

Palavras-chave: linguagem radiofônica; afetividade; diversidade; poesia; rádio.

Introdução

A Universidade é sustentada por uma relação tripartite entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Essa relação se conjuga num esforço da comunidade acadêmica em direcionar os avanços científicos para a sociedade. Busca-se produzir conhecimento e ações em favor do desenvolvimento e compreensão do meio social, nos seus mais diversos âmbitos. Desenvolver um canal de transmissão e comunicação que visa mostrar à

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 7º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da UFC. Bolsista de extensão do Sem Fronteiras: Plural pela Paz: Plural pela Paz. Email: flaviabrandaoliveira@gmail.com.

³ Estudante do 8º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da UFC. Bolsista de extensão do Todos os Sentidos. Email: joaquimsf99@gmail.com.

⁴ Estudante do 8º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da UFC. Bolsista de extensão do Todos os Sentidos. Email: rosendo.renan@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará – UFC; produtor e apresentador dos programas Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz da Rádio Universitária FM de Fortaleza; radialista; poeta. Email: beltraohenrique@yahoo.com.br

sociedade as produções da Universidade e outras manifestações socioculturais que estimulam um fortalecimento da cultura se torna, então, uma ferramenta imprescindível de ligação entre a academia e a população em geral.

É nesse sentido que a Rádio Universitária FM 107,9⁶ desenvolve suas atividades como canal comunicativo da Universidade Federal do Ceará com a população de Fortaleza. Transmitindo uma programação livre das aspirações comerciais que orientam a atuação das outras grandes emissoras da capital, a Universitária FM, em consonância com o seu próprio *slogan*, “a sintonia da terra”, busca mostrar a produção científica e artística, eventos e debates envolvendo temas que dizem respeito à população local, mas sem nunca esquecer as produções de outros lugares, como vemos nos programas Encontro com o Jazz, Encontro com o Blues e Cantos do Mundo, em que somos levados a conhecer artistas e composições variados dentro dos gêneros apontados ou com uma acepção musical mais aberta. A Rádio Universitária FM 107,9 é, portanto, plural.

Expandindo a premissa de pluralidade da Universitária FM foi criado, em 28 de junho de 1998, o Sem Fronteiras: Plural pela Paz. Seguindo a sugestiva ideia contida em seu nome, a emissão vai em busca da diversidade do homem em suas múltiplas facetas. A premissa se traduz no mote do programa que é “Trabalhemos juntos com reverência poético-radiofônica à diversidade da humanidade, em sua pluralidade de línguas, povos, religiões e idades”. O Todos os Sentidos foi criado em 8 de janeiro de 2003 e buscou seguir a premissa de pluralidade de seu “programa-irmão”, mas voltado às pessoas com deficiência (PcD), enfocando suas questões, seus anseios, seus feitos compilados no bordão: “para levar ao ar a voz das pessoas com deficiência”.

Quem dá voz aos dois programas é o professor, poeta e locutor Henrique Beltrão. Ele procura, em suas transmissões, transcender o eixo objetivo perseguido pelas produções convencionais do Rádio (e em outros meios). Através da música e da poesia, o apresentador tenta criar laços entre ele, os convidados e os ouvintes, o que acaba por produzir um ambiente afetivo, de compreensão, amizade e, por fim, de pluralidade.

⁶ Emissora pública vinculada à UFC e à Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura: www.radiouniversitariafm.com.br

Apresentação dos programas

O programa Todos os Sentidos vai ao ar ao vivo às quartas-feiras, às 14 horas, pela Rádio Universitária FM 107,9, enquanto o Sem Fronteiras: Plural pela Paz é também veiculado ao vivo aos sábados, no mesmo horário.

As temáticas do Todos os Sentidos são direcionadas para pessoas com todos os tipos de deficiência e também contempla temas relacionados à área de saúde em geral. O programa pauta-se em levar ao ar a voz das pessoas com deficiência, procura apresentá-las como seres humanos com possibilidades e limitações, como os outros supostamente normais. Vários temas são abordados de acordo com os convidados, que podem ser pessoas com deficiência, familiares, profissionais das áreas de saúde, arte e educação. Poemas e músicas permeiam as entrevistas em ambas as emissões.

O Sem Fronteiras: Plural pela Paz procura fazer uma reverência à diversidade de línguas, etnias, religiões e idades. Busca incluir a todos, procurando contribuir para uma mudança de atitudes da sociedade em direção a “um mundo que queremos mais belo, mais justo e mais sensível à beleza” (CASTRO, 2011, p.111). A escolha dos temas é feita através de reuniões de pauta e sugestões também, de acordo com os comunicadores, artistas, pesquisadores, professores, estudantes e demais convidados.

O locutor tem uma forma peculiar de apresentar, e assim o faz misturando poesia, música e entrevistas descontraídas ao longo do programa. Como bem fala Arnheim: “Se ao locutor faltam expressão e musicalidade, o ouvinte se vinga dele da forma mais simples: troca o *dial* do rádio. O locutor perde sua audiência se descuida do tom melódico” (ARNHEIM *apud* SILVA, 1999, p.62).

Na própria poética do locutor podemos perceber essa sensibilidade:

No ar

Para Iara Moura e Lorena Alves

O rádio acolhe, compartilha, espalha:
as diferenças nos querem unidos.
A multidão dispersa nosso rádio abraça:
sem Fronteiras em todos os sentidos.

(BELTRÃO, 2009, p.32)

Toda essa abertura que o radialista tem só é possível porque ele está num local que permite. Afinal, a Rádio Universitária FM, como já comentado anteriormente, é uma emissora que não tem fins lucrativos e, por essa característica, existe uma liberdade editorial que não é comum nos grandes meios de massa como rádio e TV.

Para entendermos mais sobre os programas em questão, é necessário compreender a nova configuração do rádio na atualidade e suas características.

O rádio em meio às mudanças

O Rádio, durante décadas, assumiu um papel fundamental para a sociedade brasileira; lançou modas, criou costumes, interferiu na relação cotidiana da sociedade. Mas, com o surgimento da televisão, o rádio teve de se reestruturar para acompanhar as mudanças que floresciam na época. No meio radiofônico do Brasil, convencionou-se que as emissoras FM focariam suas produções somente nas apresentações musicais, enquanto as emissoras AM transmitiram apenas programas informativos e noticiários, com ênfase na fala dos comunicadores: “(...) podemos afirmar que o rádio AM é basicamente palavra, ou seja, linguagem apenas verbal, e FM, música. É uma forma pobre de utilizar a potencialidade de linguagem do veículo” (BAUMWORCEL, 2005, p.339).

A crítica de Baumworcel (2005) a essa utilização do rádio é traço de uma sociedade que privilegia a imagem. Desde o surgimento da televisão e dos posteriores meios de comunicação, a imagem tornou-se o motor da sociedade. O ouvir passou a ser, até nas relações sociais, um grande desafio. Dessa forma, para chamar a atenção do ouvinte, o rádio desempenha uma tarefa complicada.

Vivemos, profundamente, até a última das nossas fibras, dentro de um mundo da visualidade. Que evidentemente não começou agora, mas que foi se desenvolvendo e foi se sofisticando de tal maneira que todos nós podemos suspeitar que estamos nos tornando surdos. O valor do som é tão menor que o da imagem no nosso mundo e no nosso tempo, que este fato pode ser lido em inúmeros momentos da nossa vida e do nosso cotidiano (BAITELLO JÚNIOR, 1997, p.4).

Apostando numa maior audiência, o rádio mudou sua linguagem e formato. A própria tecnologia ajudou na evolução desse meio. Começaram a surgir equipamentos

portáteis, dando um caráter mais democrático ao seu uso, pois esses aparelhos são de fácil acesso e favorecem o uso generalizado. Surgiram, também, novos suportes para o rádio, como a *web* e os celulares.

Essas inovações tecnológicas nos aparelhos contribuíram para mudar a forma de ouvir o rádio. Nas décadas de 1930 e 1940, o meio assumiu um papel socializante de escuta em grupos de amigos, familiares com direito a comentários sobre a programação. Hoje, o processo de escuta se restringe a uma pessoa, em parte devido ao formato FM e ao próprio modo como a sociedade se configura, pouco afetiva, com sujeitos cada vez mais individualizados.

As mudanças não ocorreram só no âmbito tecnológico, mas também no formato, na linguagem e no ofício. Hoje, diferente dos outros meios, o rádio possui a característica de fazer companhia devido à portabilidade e à sua presença no dia-a-dia dos ouvintes. Além disso, ele se revela compatível com outras atividades, como dirigir ou cumprir tarefas cotidianas. Por isso, ele assume caráter de companheiro, ganhando credibilidade perante seu público.

Além do rádio ter todas essas características, destaca-se uma: a velocidade.

A velocidade sempre foi uma característica do rádio. As coberturas jornalísticas radiofônicas dos fatos feitas na hora mesmo em que acontecem e transmitidas ao vivo para o estúdio e dali para os ouvintes em diversos momentos históricos deixaram sua marca. E isso desde seu surgimento até agora (CASTRO, 2011, p.94).

O rádio não tem a mesma velocidade de informação que a internet, mas possui uma relação curiosa com o tempo. O que é dito no rádio não é registrado e se perde nas ondas sonoras, possuindo um caráter de instantaneidade da informação. Por isso, é necessário a repetição da informação para lembrar aqueles que já ouviram e informar aqueles que acabaram de entrar em sintonia.

Assim como a velocidade da informação, a interatividade é fundamental no rádio. Por ser um mídia massiva, o processo interativo é diferente dos outros meios. É necessário o auxílio da internet e do telefone para ocorrer a troca entre ouvintes e produtores. Nos programas *Todos os Sentidos* e *Sem Fronteiras: Plural pela Paz*, a interação acontece via telefone da emissora, internet (redes sociais e blogues) e pelo próprio celular do locutor (característica da relação afetiva entre o locutor e os

ouvintes). Muitos ligam para fazer perguntas, críticas e sugestões. Mas boa parte participa mandando comentários e abraços para o apresentador e os entrevistados, através desses canais de comunicação: “(...) os telefonemas, os contatos pela Internet. ‘Cada vez que o telefone toca, meu coração se alegra’ – é algo que costumo comentar durante a irradiação” (CASTRO, 2011, p.92).

Todas essas mudanças configuram o “novo” rádio que produz seu conteúdo para adequar-se às atuais formas que a sociedade reorganizou e, atualmente, valoriza. Dentro dessa nova organização, os programas em estudo, Sem Fronteiras: Plural pela Paz e Todos os Sentidos, participam dessas mudanças. Mas, possuem um caráter especial, sua linguagem afetiva, principalmente quando consideramos a relação entre locutor e ouvinte.

Diversidade musical

Pelo fato de a Rádio Universitária não possuir uma finalidade comercial, suas produções estão fora do paradigma comum de produção dos programas de rádio FM em Fortaleza, que, numa disputa puramente mercadológica entre si, buscam maiores índices de audiência.

A Universitária FM, como um veículo comunicativo ligada a uma instituição acadêmica, encontra-se isenta de orientações e metas que abarquem ganhos mercadológicos. Tal fato a torna livre para produzir uma programação mais fluida, difundir programas que visam atingir nichos culturais diferentes dos segmentos formadores da grande audiência. São produzidas emissões que conjugam vários temas de cunho social, político e cultural, entremeadas por músicas de vários gêneros, destacando as composições de artistas brasileiros, entre eles os cearenses, mas abrangendo também os de outras nacionalidades.

Tal liberdade reflete-se na seleção das músicas e pautas dos programas Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz. As composições escolhidas devem adequar-se a algumas normas convencionais da emissora (como não tocar músicas comerciais); tal restrição, porém, não reduz as possibilidades de trabalhar com o enfoque em vários gêneros e artistas esquecidos por outras emissoras e veículos. Da conjugação entre vários gêneros tradicionais de vários países com as produções nacionais, alcançamos

uma diversidade cultural que sai do eixo do racismo cultural que López Vigil (2003) nos alerta existir nas produções radiofônicas.

Não há lugar para racismo musical. Não é preciso negar o de fora para afirmar o que é nosso. Também não é preciso trocar de pele, como Michael Jackson, desprezando suas raízes. Ambas as posturas reduziriam a universalidade dos gostos musicais. Cabe ao bom senso do radialista manter esse sábio balanço entre as nacionalidades dos discos (LÓPEZ VIGIL, 2003, p.345).

Buscamos essa diversidade e essa conjugação de linguagens, que deriva do espírito de fronteiras transpostas em vários âmbitos e permeia as transmissões dos programas.

Afetividade e a transmissão radiofônica dos programas

Damásio (2004) e Sawaia (2000) definem a afetividade como todos os sentimentos e emoções humanas. Para Damásio, não há uma relação de oposição entre a afetividade e a razão. Para Sawaia (2000, p.2), “a afetividade é a tonalidade, a cor emocional que marca a existência do ser humano e é vivida como emoções e sentimentos”.

Precisamos entender a afetividade como sentimentos e emoções que podem ser tanto bons quanto ruins. Devemos nos desvencilhar da ideia de afetividade que está nos modismos atuais, como uma meta a ser alcançada pela chamada “inteligência emocional”, e sim, como algo inerente ao ser humano.

Quando falamos de linguagem afetiva, não nos limitamos ao amoroso. A dor e a ternura são igualmente afeto, emoção. Também a esperança e a angústia, os sentimentos heróicos e a saudade. Se nosso programa de rádio nos faz rir ou chorar, está no caminho certo. Se provoca fúria (não porque o programa seja ruim), também está. Mas se não move nem comove, se deixa o ouvinte frio, então não é radiofônico. Falar pelo rádio é emocionar. Caso contrário, a mensagem não chega, não impacta. No rádio, o afetivo é o efetivo (LÓPEZ VIGIL, 2003, p. 33).

A afetividade demonstrada da forma mais natural possível é algo incrustado dentro do modo de apresentar do locutor, é o seu estilo de condução do programa. E, se

formos mais além, é algo difícil de ter espaço nas emissoras da grande mídia, sendo a Rádio Universitária um espaço que o acolhe e lhe dá liberdade para essa apresentação ser conduzida de forma mais poética. É isso o caracteriza autenticamente como um locutor radiofônico, como diz López Vigil:

Ser locutor, como dissemos, não é ter uma linda voz, nem tampouco tê-la educada. Ser locutor é sentir paixão em dirigir-se aos ouvintes, e dialogar com eles. Paixão de falar. E uma paixão ainda maior de escutar. Mais que emissores, somos receptores. E nossa primeira obrigação – primeiro prazer – será sempre prestar atenção nos outros e aprender com eles (LÓPEZ VIGIL, 2003, p. 111).

A forma de apresentação de Beltrão deriva do seu modo de ouvir, ou seja, ele trata os ouvintes, convidados e equipe de forma afetiva, pois assim é o seu ouvir.

Linguagem afetiva “sem fronteiras em todos os sentidos”

Em conjunção com os pilares da linguagem do Rádio, os programas Sem Fronteiras: Plural pela Paz e Todos os Sentidos buscam uma via alternativa ao aspecto noticioso do AM, bem como ao somente comercial e musical de grande parte das emissoras FM. O aspecto original da emissão, que quase leva o programa a flertar com a interpretação teatral, ou o rádio-drama, são as citações poéticas, realizadas ao vivo pelo apresentador. Não se busca, no entanto, representar algo ou alguém, mas sim criar um ambiente de proximidade entre aquele que transmite e o outro que, de bom grado, recebe as palavras em forma de ondas de som.

O silêncio entra como o elemento que deixa as palavras no ar e lhes dá o devido espaço para flutuarem na atmosfera cognitiva e afetiva de quem ouve. Os poucos segundos sem fala servem de âncora para as precedentes palavras ditas. É como se o programa chegasse à sua completude, e se iniciasse um novo ciclo rádio-linguístico, entre palavra, música, som e poesia.

A linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral. Assim como a palavra escrita, músicas, efeitos sonoros, silêncio e ruídos são incorporados em uma sintaxe singular ao próprio rádio, adquirindo nova especificidade, ou seja, estes elementos perdem sua unidade conceitual à medida que são combinados entre si a fim de compor uma

obra essencialmente ‘sonora’ com o poder de sugerir imagens auditivas ao imaginário do ouvinte (SILVA, 1999, p.71).

A produção radiofônica do *Todos os Sentidos e do Sem Fronteiras: Plural pela Paz* segue regras jornalísticas, como levantamento de pautas e elaboração de roteiros, de modo que eles têm uma diretriz de elaboração. A expressividade do apresentador, a proximidade e a descontração geradas na relação com os entrevistados, o ambiente musical, a interação com os interlocutores-ouvintes marcam as emissões. Outra intervenção primordial do apresentador é a conversa com os convidados antes de entrar no ar. Beltrão mostra aspectos da proposta e do formato do programa a serem transmitidos com os participantes, algo que não observamos na abordagem convencional de Rádio. O próprio locutor-poeta aponta esse desvio da suposta objetividade e impessoalidade tão ensinada nos manuais dos veículos de Comunicação Social quando diz que “outro ponto a abordar seria o fato de as pessoas com deficiência terem acesso ao roteiro e, antes de entrar no ar, discutirmos perguntas e detalhes, por exemplo: como me referir à deficiência e apresentar o convidado” (CASTRO, 2011, p.117). Algumas das razões para esta abertura são o respeito e a importância que o apresentador, e, conseqüentemente, os programas, dão às pessoas com deficiência quando não se propõe a perguntar nada que o entrevistado não queira comentar, como alguma questão embaraçosa sobre sua deficiência, por exemplo.

O amálgama desses fatores empurra a progressão do programa para um eixo de subjetividade que, a princípio, não foi premeditado pelos produtores.

Por melhor que seja o roteiro, por mais detalhado e bem feito que esteja, é como o plano de aula de um professor experiente, deixa tanta margem para o imprevisto, para o inesperado, para o encontro ao vivo que as sementes do que antes se queria podem dar flores e frutos bem diferentes das raízes de onde vieram. A radiofonia vive no campo aberto da oralidade. E a oralidade é afeita ao instante. Camaleonicamente. E feita de quem fala e de com quem se fala. Do diálogo (CASTRO, 2011, p.92).

O alcance da subjetividade torna-se, então, uma característica dos programas. Busca-se ir além dos limites da racionalidade, da ação exacerbada que fragmenta a atenção e diminui a “languidez do ouvir” (BAITELLO JÚNIOR, 1997). A cultura midiática objetiva, com seus esforços comerciais – que demandam, geralmente, uma

atenção forçada por parte daqueles que recebem o conteúdo, tentando nos chamar para um centro, como o Cinema ou a TV, em detrimento do “deixar-se imergir”, aquilo que realmente buscamos sentir, como ocorre comumente na Música e no Rádio – pode resultar numa situação inflacionária do sentir, na qual somos superexpostos a diferentes conteúdos, enviados por diferentes veículos, causando um tipo de “cansaço” intelectual pela abundância de signos que são transmitidos. Usar o rádio como um meio que tenta alcançar a subjetividade, num contraponto à emissão de um fato de modo puramente objetivo, portanto, é uma tentativa de reavivar uma função do Rádio que se encontra “perdida”, não relegando apenas às produções audiovisuais a geração de um envolvimento espontâneo da audiência com a mensagem transmitida.

E esta languidez do ler, considero-a análoga ao tempo e à languidez do ouvir. O ouvir exige languidez, e portanto exige tempo. E além do mais, devemos nos lembrar que tempo não é dinheiro, tempo é vida. É muito mais importante do que dinheiro. Esta seria a melhor definição do tempo para uma nova cultura do ouvir (BAITELLO JÚNIOR, 1997, p.26).

As imagens impostas ao indivíduo, numa situação de imersão, têm uma frágil característica de obsolescência. Vejamos como cartazes, panfletos e outros tipos de publicações editoriais são rapidamente eliminados pela memória que se esvai. A conjunção de sentidos, provocada pela recepção das ondas sonoras (em que a audição estimula a imaginação e outras sensações), cria um tipo de memória afetiva, um fragmento mnemônico que persiste em nossa vivência, coexistindo com nossas outras emoções. O nosso sentir acaba sendo menos transitório que o ver, de que estamos encharcados numa sociedade da imagem, como diz Baitello Júnior (1997), e, a partir do momento em que saímos do campo imagético e entramos no campo sonoro, a mensagem pode tender a ser melhor fixada.

A proposta de unir poesia e música, dos programas Todos os Sentidos e Sem Fronteiras: Plural pela Paz, é a tentativa de criar uma paisagem sonora, diferente da imagem da “imersão ativa” (BAITELLO JÚNIOR, 1997, p.10). A relação entre o espectador e a poesia é favorável ao surgimento de outro tipo de compreensão afetiva e à criação de imagens próprias ao ouvinte e todos os indivíduos envolvidos no processo de comunicação. Os poemas ditos nos programas tentam criar uma situação sinestésica

similar à da audição musical. Essencialmente, uma das propostas dessas emissões é ser um “caldeirão sinestésico”, de modo a fazer os ouvintes coproduzirem suas imagens pessoais e subjetivas num processo de criação de experiências.

Essa sinestesia de sentimentos e imagens é conduzida pelo apresentador. A locução tem um papel fundamental no poder de comunicar a partir de códigos conhecidos pelos receptores. Ela pode passar expressividade pelas várias entonações, gerando diversos sentimentos pela voz. Diferente da televisão, o rádio não trabalha com imagem, por isso, é importante o uso da voz humana como instrumento de comoção e comunicação. Essa voz também gera intimidade com o público e indica para quem o programa é direcionado.

A voz humana! Quanto poder e, ainda hoje, quanto mistério! Do ponto de vista dos grandes mitos da humanidade, ela é portadora do verbo, manifestação soberana do espírito criador. Do ponto de vista psicológico e sociológico, ela é o instrumento da linguagem, a expressão da personalidade e da comunicação entre os homens. Ela começa pelo grito, que nos religa à animalidade, ela termina pelo poema e pelo canto, que nos elevam acima de nós mesmos (TARDIEU, 1969, p. 54-55, tradução de Castro).

A voz do apresentador, quando entra no ar pela Rádio Universitária FM, é a marca registrada do Sem Fronteiras: Plural pela Paz e do Todos os Sentidos. Naquele momento, está começando um programa de muita leveza, poesia e música. A condução com maestria dos programas é registrada pelo público e confirmada pela relação amigável do radialista com os convidados, com os companheiros de trabalho e com os ouvintes.

Ele não encarna um personagem, apesar das falas poéticas e dos versos ditos, mas realiza a locução sendo ele: Henrique Beltrão, poeta, radialista e professor. É com essa leveza e simplicidade que são conduzidos os programas. As características do locutor podem ser determinadas pelo seu tom irreverente, gentil, emotivo, unido ao seu perfeccionismo em conduzir as emissões.

Diferente de muitas locuções, que são engessadas em padrões de entonação, pausas, estilo de voz, a locução do Todos os Sentidos e do Plural pela Paz é carregada com sutil sotaque cearense, transmitindo o jeito caloroso, acolhedor e descontraído que o nosso povo possui, através das ondas de frequência modulada.



Além da locução afetiva, os programas conjugam uma linguagem que segue além dos paradigmas da produção das rádios brasileiras, buscando uma transmissão que não se torne enfadonha e que capte a ânsia poética dos programas.

Conclusão

Ao final desta reflexão, podemos perceber que a afetividade faz, sim, diferença no conduzir radiofônico do apresentador junto aos dois programas, e que isso, ao mesmo tempo, é um diferencial destes, pois não é algo facilmente encontrado na programação de rádio fortalezense.

O Rádio, além de se configurar como sem fronteiras entre diversos tipos de pessoas diferentes, incluindo as pessoas com deficiências, pode ser um meio em que a afetividade prevaleça sobre a programação comercial, pautada por uma lógica mercadológica.

Referências bibliográficas

BAITELLO JÚNIOR, Norval. A cultura do ouvir. **In: Centro Interdisciplinar De Semiótica Da Cultura E Da Mídia**, Rio de Janeiro, p.01-28, 28 abr. 1999. Disponível em: <<http://www.radioeducativo.org.br/artigos/norval.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

BAUMWORCEL, Ana. Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do Rádio: Textos e Contextos**. In: Rio de Janeiro: Insular, 2005, p. 337 a 346.

BELTRÃO, Henrique. **Simples**. Fortaleza: Expressão, 2009.

CASTRO, Henrique S. Beltrão de. **No ar, um poeta: do singular ao plural – experiências afetivas (trans)formadoras em um percurso autobiográfico poético radiofônico**. 2011. 240 páginas. Tese. (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DAMÁSIO, Antônio. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. Trad: Maria Luísa García Prada. São Paulo: Paulinas, 2003.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012

SAWAIA, Bader B. **Por que investigo a afetividade.** Texto apresentado para concurso de promoção para professor titular do Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo: PUC, 2000.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizadas: o spot e os elementos da linguagem radiofônica.** São Paulo: Annablume, 1999.

TARDIEU, Jean. **Grandeurs et faiblesses de la radio.** Paris: UNESCO, 1969.